

O BRINCAR DE CRIANÇAS RESIDENTES EM CONTEXTOS RURais NA AMAZÔNIA PARAENSE*

THE PLAY OF CHILDREN RESIDENT IN RURAL CONTEXTS IN PARAENSE AMAZON

Eliana Campos Pojo Toutonge 1

Doutora em Ciências Sociais. Docente da Universidade Federal
do Pará (UFPA), Campus de Abaetetuba-PA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1223748500489517>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7466-3996>.
E-mail: elianapojo@ufpa.br

Resumo: O artigo aborda o cotidiano das águas em relação aos brincares de crianças ribeirinhas e quilombolas na região do Baixo Tocantins-PA; tratando de dimensões culturais e ancestrais da realidade social de crianças e suas infâncias. Trata-se de uma investigação, em andamento, que abarca pesquisa bibliográfica e de campo, utilizando-se de recursos etnográficos visando captar a prática social dessas crianças com seus pares e com adultos. Como resultado parcial, já é possível perceber que os processos culturais e educativos do ser criança e do viver a infância em condições concretas são mediados por brincares e interações, socialmente construídos, que se articulam, na maioria das vezes, por meio do convívio com as águas. Estes indícios podem, ser úteis para pensar possíveis (re)configurações educacionais em contextos rurais na região do Baixo Tocantins/PA.

Palavras-chave: Crianças. Cultura das Águas. Brincares.

Abstract: The article addresses the daily life of the waters in relation to the play of riverside and quilombola children in the region of Baixo Tocantins - PA; approaching cultural and ancestral dimensions of the social reality of children and their childhoods. It is about an investigation, in progress, that includes bibliographic and field research using ethnographic resources to capture the social practice of these children with their pairs and with adults. It is already possible to observe that the cultural and educational processes of being a child and living childhood in concrete conditions are mediated by socially constructed play and interactions, which are most often articulated through living with the Waters, and its signals can be useful for thinking about possible (re) educational configurations in rural contexts in the region of Baixo Tocantins/PA.

Keywords: Children. Waters Culture. Play.

*O escrito abrange discussões apresentadas em um dos capítulos da tese intitulada de Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA, defendida em 2017 pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas em Ciências Sociais, Universidade Estadual de São Paulo - UNICAMP.

Introdução

Para mim, *quilombola é desenvolver a cultura, assim como os nossos antepassados desenvolveram a feijoada, a maniçoba, a farinha, o tacacá e outras coisas cultivadas até hoje no meio do nosso povo* (R.G.,13a, grifos meus)¹. Este trecho explicativo é de uma das crianças que participou da pesquisa e evidencia o quanto elas são detentoras de ideias e interações, são produtoras de cultura (BRANDÃO, 2015; KRAMER, 2007). Para Gusmão (2012, p.164), as crianças são sujeitos sociais com uma mente cultural inestimável, elas “sabem de si, sabem onde estão, o que faz parte de suas vidas; conhecem seu mundo; e se confrontam com os princípios e pertença e identidade que lhes são atribuídos”. Assim, a pesquisa situa-se em contextos diferentes da região do Baixo Tocantins, especialmente no município de Abaetetuba, visando compreender as práticas culturais e educativas de crianças que vivem em territórios rurais e margeados por águas. A investigação adota como referencial teórico e metodológico pesquisadores da área da cultura e da educação, portanto, do conhecimento e da tradição dos estudos antropológicos, em sua interface com o saber pedagógico (BRANDÃO, 2015, 1999; GUSMÃO, 2012; GEERTZ, 1989).

No caso da região tocantina, de um lado presencia-se situações de crianças em condições de trabalho infantil, de uma infância marcada pela pobreza, de baixo rendimento escolar, de famílias que sobrevivem basicamente da renda do Bolsa Família enfim, elas enfrentam a escassez de serviços públicos. De outro lado, estão milhares de meninas e meninos amazônicos produzindo vidas, tomando suas peculiaridades e modos próprios. Por isso, a pesquisa intentou descrever e caracterizar o aprendizado de crianças em seus processos educativos e culturais, com vistas a compreender como elas participam da vida eminentemente mediado pelo brincar e, dessa forma, apreendem, inventam e reinventam saberes e significados do universo *amazoniágua-e-camponês* a partir dessas relações e condições socioculturais. Segundo dados da Fundo das Nações Unidas para a Infância (2019), ao todo são 9 milhões de crianças vivem na Amazônia Legal.

O termo *amazoniágua* é um conceito em construção que se refere a um conjunto de *saberes das águas*, os quais são tangenciados por uma travessia sócio-histórica por parte de sujeitos com seus modos de viver e estar no espaço-tempo dos rios, furos, igarapés; de matas, enquanto expressões materiais e simbólicas. Assim, o termo situa-se a partir das relações comunitárias e identitárias de uma realidade dinâmica e temporalmente amazônica, que ocorre a partir dos corpos d’água, no caso de grande parte da natureza regional dessa região e do Pará.

Em um plano mais identitário, o termo sinaliza também um modo de vida que valida uma territorialidade de povos tradicionais em terras amazônicas, os quais simbolizam e cultivam suas interações, ancestralidades, vivências, saberes e tradições, a fim de manter suas identidades e cosmovisões, tal qual buscamos situar aqui as construções das crianças e suas infâncias.

Aspectos metodológicos: pormenores do *espiar*² e produzir com as crianças

Para o antropólogo Clifford Geertz (1989), a cultura é uma teia de significados tecida pelo homem que dá sentido a existência humana. Ela diz respeito a um sistema de símbolos que interage com os sistemas de símbolos de cada indivíduo numa interação recíproca. O estudo em questão abarca a discussão dos saberes e da cultura local, levando em conta as experiências de crianças em processos educativos e culturais pautamos a subjetividade dos sujeitos, em meio a situações e a fatos que se mostram atravessados de significados e de relações. Levando em consideração estes pressupostos, a investigação teve como foco de análise o cotidiano e os aspectos culturais e ancestrais que reverberam nos brincames das crianças

1 No decorrer do texto, aparecem destacadas em itálico as ‘categorias locais’ em frases curtas e expressões de uso local (grifos meus).

2 Espia é um modo de falar do lugar. Traz o significado de apreciar as coisas nas entrelinhas, o dar atenção, o olhar à espreita, o deleitar-se no tempo sem pressa. Em analogia com os estudos de Loureiro (2015) sobre o tema, espiando vão aprendendo e ressignificando a realidade. O verbo espiar pode significar leituras de mundo, já que na condição de “caboclo amazônico, na sua jornada diária, seja na caça, na pesca, nas viagens, vive a doçura obcecante do olhar”. O espiar é fonte de observação (LOUREIRO, 2015, p.147).

ribeirinhas-e-quilombolas de Abaetetuba-PA. O uso do termo ribeirinhas-e-quilombolas é devido a aproximação entre esses dois grupos. A questão central margeia a relação com o rio, de cujas águas as famílias se sustentam nas práticas sociais, econômicas e culturais cotidianas que desenvolvem em torno dos cursos d'água e, dessa forma, constroem suas identidades que transitam entre ditos ribeirinhos e/ou quilombolas, e como bem disseram os interlocutores dessa trama "tudo começa nas águas", o que é denotativo da relevância do ciclo das águas no dia a dia das pessoas, da comunidade e nas suas caracterizações.

Nessa direção, a investigação diz respeito ao contexto amazônico, formado por um conjunto paisagístico com áreas de terra firme, de várzea, de *matas* e também com faixas de areia. Detidamente, os dados aqui trazidos são oriundos de imersões na região que já contabilizam três anos, resultante de experiências formativas com crianças nas comunidades dos rios Baixo Itacuruçá e Arapapuzinho, localidades rurais do conjunto de ilhas que formam o município de Abaetetuba. O itinerário tem saída da cidade (da *beira*, sede do município), gastando em torno de trinta minutos a uma hora até as comunidades, em um percurso por águas.

Para melhor situar o contexto, a comunidade do rio Baixo Itacuruçá é constituída por cerca de 204 famílias, contabilizando um total aproximado de 960 pessoas entre crianças, jovens e adultos (Dados fornecidos por Agentes Comunitárias de Saúde da comunidade, em 28/11/2016).

A pesquisa teve como ênfase, dentre outros aspectos, acompanhar o fluxo natural das águas nos tempos-ciclos das crianças, percebendo as diversas recorrências dos brincar, suas linguagens, símbolos e simbolismos, seus brinquedos e narrativas, com o intuito de compreender mais sobre a realidade da cultura infantil amazônica cujo brincar se faz na reinvenção e na produção cultural da região do Baixo Tocantins, logo, sua base epistemológica e metodológica esteve centrada nas infâncias e nos processos interativos e educativos de tais sujeitos, que sinalizam outros modos de vida e, ao mesmo tempo, proporcionam o aprendizado de um conhecimento antropológico e educacional sobre povos das águas.

Para isto, foi preciso cunhar leituras concernentes ao tema e introduzir uma significativa experiência de trabalho de campo. Tal experiência envolveu a *etnografia* como *procedimento teórico-metodológico* precioso, por possibilitar a construção de dados *cujos procedimentos* têm ocorrido de várias diversas e em tempos específicos, que vão desde trabalhos acadêmicos rápidos com estudantes de Pedagogia até a execução de projetos de pesquisa e extensão. Tais estudos estão sendo desenvolvidos através do Projeto: "A *circularidade do saber* em territórios rurais do município de Abaetetuba/PA: o ensinar-aprender de crianças pela diversidade e cultura", ação do Grupo de Pesquisa e Extensão *De bubuia* Amazônica/CNPQ, em 2018-2020.

Precisamente, as duas comunidades assinaladas neste escrito, os moradores em sua maioria se autodefinem como quilombolas, isto é, são remanescentes de quilombos, nos termos da Constituição Federal de 1988, sendo que nesses territórios as práticas sociais são totalmente interligadas ao 'mundo das águas'.

Mas, existem também moradores se autodefinindo como ribeirinhos. Segundo Castro (1997), o termo 'ribeirinho' na Amazônia serve para designar povos tradicionais que habitam às margens dos rios e que sobrevivem através de articulações com os recursos da terra e da mata, e com os cursos d'água. São

[...] denominados ribeirinhos, na Amazônia, possuem uma referência, na linguagem, as imagens de mata, rios, igarapés e lagos, definindo lugares e tempos de suas vidas na relação com as concepções que construíram sobre a natureza. Os sistemas classificatórios dessas populações fazem prova do patrimônio cultural [...] (CASTRO, 1997, p.226-227).

Neste rico cenário de biodiversidade, as populações quilombolas-e-ribeirinhas produzem e expressam seus conhecimentos tradicionais sempre vinculados às suas práticas socioculturais em suas atividades religiosas, econômicas, ambientais, culturais e educacionais.

Segundo Diegues (2008, p.179), é “[...] o saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural, sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbano/industrial, transmitidos oralmente de geração em geração”.

Assim, situada a pesquisa basicamente pelo cotidiano das águas, muitas foram e ainda são as travessias. Travessias de idas a lugares cujo transporte são embarcações fluviais; travessias aportando em diferentes beiras e beiradas de rios, furos e igarapés para acompanhar e interagir com as crianças em seus ciclos de vida que também acontecem em meio aos cursos d’água; para observar suas infâncias na dinâmica cultural de que participam, como sujeitos que residem às margens dos rios e no convívio com a natureza.

Nesse sentido, participaram um grupo de quinze crianças e adolescentes entre nove e quinze anos de idade, estudantes do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, todos eles moradores das duas comunidades referidas. Outrossim, as vivências com este grupo ocorreram por meio de ‘encontros’ e em horários diversos não escolares, semanalmente; acompanhando algumas rotinas vivenciadas nos intervalos entre a escola e a comunidade, suas vozes sobre o rio e a mata, gapuiando³ saberes. Objetivamente, a travessia metodológica do estudo incluiu conversas informais e entrevistas em grupo, sessões de brincadeiras, visitas aos espaços, caminhadas na mata, discussões com base em alguns temas, buscando, como já mencionamos, captar o universo dos saberes locais pela produção dos brincares.

Foram utilizados os seguintes procedimentos: a. Observação participante sobre a vida social e socioproductiva, e em diversos outros momentos do cotidiano das comunidades; b. Conversas informais e entrevistas com docentes, gestores e responsáveis de crianças/adolescentes, buscando conteúdos sobre os brincares, as manifestações culturais e os condicionantes sociais das comunidades⁴ e, c. Elaboração de esquemas e de croquis de alguns espaços sociais e das brincadeiras que se relacionam com a geografia das águas durante as vivências de campo e as oficinas, precisamente com o grupo específico. Partindo do trabalho de campo, houve a sistematização e a análise dos dados obtidos, articulando os dados empíricos com a bibliografia específica. Vale dizer que, sobre o ciclo de vida de crianças e de adolescentes e o como identificá-las, Brandão (2015), nomeia-as de criança-adolescente, de criança-estudante e de pessoa-estudante.

Por uma ‘geografia das águas’

Este item busca situar a Amazônia paraense e, em particular, a região tocantina, em seus contrastes, dada sua riqueza humana e sua diversidade sociocultural e territorial em meio aos contornos socioeconômicos vividos pelos habitantes de territórios rurais e urbanos. Também, introduz-se o que aqui intitulamos de “geografia das águas” em contextos de ilhas nessa região, a qual transversaliza os ambientes naturais, as moradias, o ciclo comercial e, principalmente, o cotidiano sociocultural e produtivo das pessoas.

Situando a Região do Baixo Tocantins

O cotidiano das águas da microrregião de Cametá, mais conhecida como Baixo Tocantins, é entrecortado pelos rios Moju, Pará e o Tocantins. A região é uma das áreas de colonização mais antiga tal como a Bragantina e, as duas, estão inseridas no que identificamos como mesorregião nordeste paraense⁵. Pontualmente, concentra em si uma geografia das águas, notadamente pelo trançado de seus rios, seus furos, seus igarapés, suas praias estacionadas, suas marés intermitentes, além do rotineiro trânsito fluvial dando fluidez à sua complexidade e à extensão regional. O rio é mar, se dispondo em extensões territoriais para ribeirinhos-e-qui-lombolas, ele afasta e aproxima gentes e contextos. O “excesso de águas” é útil à alimentação, ao trabalho, ao lazer e aos brincares das crianças, a devaneios poéticos e a histórias lendárias.

³ Derivação de gapuia. Logo, gapuiar é um tipo de pesca no igarapé ou furo. Significa retirar a água de poços que se formam nos igarapés (olho d’água) durante a maré seca, para, deles, apanhar o peixe e/ou o camarão aprisionados (grifos meus).

⁴ No caso dos adultos envolvidos com a pesquisa, houve consenso e consentimento para declaração de seus nomes.

⁵ Faz parte dessa mesorregião os municípios de Acará, Abaetetuba, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Oeiras do Pará, Baião, Mocajuba, Moju e Tailândia.

Imbricados ao movimento das águas, transcorrem saberes e tradições, transcorrem o homem e o rio, transcorre por vezes a vida e, por outras, a morte.

Nos territórios dessa região, há indígenas, brancos, negros e mestiços. As comunidades quase sempre se situam em “terras de marinha”⁶, outras em fazendas, outras em área quilombola etc. Geralmente, são áreas nomeadas como terra firme, várzea ou de ilhas.

O ‘mundo das águas’ em Abaetetuba e nas comunidades

A partir do contexto das duas comunidades onde foi realizada a pesquisa, de agora em diante, a ênfase é situar o cenário social e geográfico das águas, trazendo um pouco da prática social exercida no lugar de modo geral e, também, aspectos do cotidiano das crianças em seus convívios, sociabilidades e menos nos processos educativos escolares, os quais passam pela compreensão do desenvolvimento do homem e da mulher amazônicas.

A cidade de Abaetetuba é conhecida por exteriorizar sua diversidade, marcadas por saberes, memórias, usos e costumes, fazeres, simbologias, fortemente, relacionada à dinâmica dos rios, na qual suas comunidades tradicionais convivem com costumes e uma rotina entrelaçada com os espaços dos rios, das matas, por áreas de várzea e de praia; contextos que apresentam especificidades ambientais e sociais, além da estreita ordem econômica, em que a temporalidade e territorialidade das águas têm um sentido muito mais simbólico, tidas como um bem da natureza e um elemento que integra grande parte das ações cotidianas, ao passo que as sociedades urbanas conferem às águas um *status* de recurso ou bem de consumo (POJO; ELIAS, 2018)⁷.

Outro enfoque bastante singular posto à cidade é sua característica rural, cuja produção sociocultural e econômica passa por práticas agrícolas de cultivo do açaí e da mandioca, o extrativismo, a criação de animais, o artesanato, a carpintaria, a pesca e, em tempos atuais, encontra-se bastante adensado os processos de luta pela terra e de atuação de trabalhadores no monocultivo do dendê.

As águas e as embarcações formam na *beira* um ritual à parte. Esse movimento com as pessoas dá vivacidade ao cotidiano do município e, também, à comunidade do rio Itacuruçá e Arapapuzinho. Constituem os rios e suas águas espaços da ação do sujeito amazônico, em que as águas abundam e fundam o *ethos*⁸ do quilombola, do habitante de ilha, do ribeirinho, do *caboco*, do embarcado. Baseado no cadastro da paróquia das ilhas, esta contabiliza setenta e três, além das trinta e cinco ‘colônias’ (ramais e estradas) e dos dezessete bairros na área urbana. Grande parte das ilhas é habitada. Este mosaico territorial rural constitui uma mescla de territorialidades de ribeirinhos-e-quilombolas. A paróquia das ilhas existe no município desde 1980, cujas ações são de resistências junto as populações e territórios rurais.

Há modos de sociabilidade nesse mundo rural ribeirinho-e-quilombola, onde o beira-rio e a mata são os espaços referenciais da comunidade, compondo um cenário que lhes assegura o bem viver e a autonomia no cotidiano. A beira da cidade, também chamada de trapiche, de porto, tem um papel indiscutível na vida dos abaetetubenses, é o lugar de encontro onde são resolvidos, ou não, os negócios: a transação comercial, a encomenda que vai para outro destino, o embarque para cuidar da saúde, entre outras situações, antes das diferentes embarcações saírem para tantas responsabilidades⁹. O termo beira-rio é usual por alguns autores (Velho, 1972; Brandão, 2013), associando-o aos sujeitos que historicamente construíram modos de vida, possuem valores sociais e simbólicos e, principalmente, defendem o viver nesses lugares em que a vida margeia os rios, furos e igarapés em cursos d’água.

Podemos afirmar que o movimento de ir e vir nos rios sedimenta uma rica diversidade cultural, numa simbiose em que o homem e as águas sedimentam um ciclo de uma mesma ge-

⁶ Moram os ditos ribeirinhos, habitantes de Terras de Marinha, como bens da União. Informação disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 09 dez. 2018.

⁷ A cidade fica na região do Baixo Tocantins, situada às proximidades das regiões intermediária de Belém e a imediata de Abaetetuba (IBGE, 2017). Sua população aproxima-se de 156.292 pessoas (dados de 2018), em uma área de 1.610,404 km², sendo que seu maior contingente de pessoas reside em contextos rurais constituído de ilhas, ramais e estradas.

⁸ Nos termos do antropólogo Clifford Geertz (1989).

⁹ São tipificadas de canoa a remo, montaria, casco, batelão, bajara, barco à vela, rabudo, lancha.

ografia humana e das águas em Abaetetuba. O mundo das águas de ribeirinhos e quilombolas movimenta a urbis e a urbis se oxigena da amazoniágua das ilhas e ambas produzem-se mutuamente. E parte integrante da sociodiversidade encontra-se numa rica arena mítica cabocla, traduzida, por vezes, no culto pelo encantado (causos, assombrações e mitos), ao que encanta (manifestações e paisagens) e ao encantamento (acolhimento aos que chegam), além de tantas outras produções do povo em que uma de suas histórias retrata suas águas.

Com base nas travessias realizadas, é possível afirmar que o rio é também cenário de interações positivas entre os moradores, por parte daquilo que lhes é comum, daí situar o beira do rio. Por ele, é possível perceber um certo cotidiano acontecendo: crianças escovando os dentes e mães lavando roupas na cabeça das pontes; embarcações fazendo a travessia até a cidade; pessoas à beira da ponte acompanhando o movimento das embarcações. Ao entardecer nos trapiches, pessoas põem-se a iscar¹⁰ o matapi para a pesca do camarão. O rio se manifesta como uma espécie de linguagem da vida amazônica.

O mover-se das pessoas e embarcações consubstancia uma dinâmica social, que dependendo do período, verão ou inverno, altera a sua rotina. Nesse sentido, o rio e os demais lugares de furos e de igarapés posicionam-se como território e fronteira, devido a sua expressão cultural, por constituir-se num espaço dinâmico e de interatividade, em que se processam ricas experiências étnicas, de classe, de valores, de vizinhança, de ciclos de trabalho e de relações sociais. Nesse sentido, o rio em toda sua extensão, abarca muitos ambientes e foram os próprios moradores locais que dividiram as áreas para se localizarem, conforme discriminado como sendo o **Baixo, o Médio e o Alto do rio**, na cabeceira. Certamente que as denominações das estações climáticas são produzidas culturalmente, por isso indicar verão e inverno amazônicos em suas peculiaridades. Os quilombolas vivenciam uma mobilidade territorial de acordo com as duas épocas: chuvas intensas e o período de verão. Na primeira, eles ficam mais em casa, caracterizando, grosso modo, pela utilização dos recursos adquiridos durante o período do verão como a lenha e a farinha, assim como diminuem consideravelmente as atividades de agricultura e o processamento da farinha. O verão é de trabalho intenso de colheita do açaí, da produção das olarias, da agricultura, da produção do carvão e da lenha.

Na cabeça das pontes, nos trapiches, nos caminhos, nos rios, nos retiros, nas roças e nos quintais, as pessoas não só compartilham o espaço físico, como também interagem mutuamente. Nesses espaços partilhados por grupos familiares, os adultos, os jovens e as crianças, através das atividades rotineiras ou de algum entretenimento, utilizam e circulam por eles. Em síntese, vivenciam formas de dar, de receber e de retribuir, de serem solidários uns com os outros (MAUSS, 2013). Decorre que o lugar abarca outros ambientes. Estar na beirada, em um caminho, no campinho ou numa vila de casas, também, pode significar estar no Itacuruçá Baixo.

Dentro desta dinamicidade territorial, encontram-se o cotidiano e a sociabilidade das crianças que habitam em tais comunidades. Elas estão presentes em contextos diversificados como nas escolas, nas embarcações, nos locais de trabalho, nos quintais, nas pontes e nos trapiches de suas casas.

O remanso das águas no brincar de crianças quilombolas-e-ribeirinhas

Sabemos que o brincar e o brinquedo são vistos enquanto movimento de libertação da criança, na medida em que possibilitam por esse fazer e instrumento reinventar seu mundo, ao mesmo tempo que se constroem e reproduzem um tipo de vida social. Na visão de Benjamin (1984), os pequenos constroem seu mundo de coisas, sua própria cultura. Assim, elas “[...] fazem história a partir do lixo da história [...]” (p.14) e se aproximam dos “inúteis”, dos “inadaptados” e dos marginalizados, como declara o autor.

No caso de populações rurais nesse pedaço da Amazônia, a água está presente na formação da identidade nativa. As crianças aprendem a se equilibrar no trapiche de suas casas, a brincar dentro da canoa, a tomar banho diário no rio e/ou na chuva, a lidar com a enchente e com a vazante das marés, com o friozinho que vem lá do rio entrando pelas frestas das paredes

10 É o preparo do matapi para a pesca do camarão.

das casas.

As imagens abaixo expressam bem a imbricação da água na constituição formativa das crianças, no seu saber, no seu lazer, na sua relação com a natureza, porque estabelecem, precocemente, uma intimidade com o rio-mar.

Fotos 02 e 03. Crianças brincando com a maré seca e tomando banho no rio Itacuruçá.



Fonte: POJO, 2017.

De modo geral, no rio, adultos e crianças banham-se e brincam, demonstrando que, por meio de atividades rotineiras ou de algum entretenimento, utilizam esses espaços ou circulam entre eles. As crianças conversam sentadas nas pontes que unem as casas, e por estas pontes ou trapiches caminham de uma casa para outra; de um local para o outro e, assim, vivenciam as trocas, os pedidos, os empréstimos e as informações. Os lugares-territórios são atravessados por saberes e fazeres que são partes da vivência da criança quilombola/ribeirinha. Partindo desta visão sobre o território com 'coisas, memórias e costumes representando a cultura, o brincar no rio e na mata representam, também, *desenvolver a cultura*, pois por meio de seus brincadeiras elas apreendem e interpretam o contexto vivido, o convívio com as pessoas e com a natureza. Aprendem através de gestos, de atos, de crenças, de *causos*, de gramáticas sociais e de suas linguagens, demarcando seus territórios naturais, sociais e simbólicos.

Os locais onde as crianças brincam são espaços do território que elas transitam cotidianamente e estão empapados de significações identitárias, históricas, ambientais e de raízes ancestrais do grupo, pelos quais elas vão intermediando a dimensão individual de suas vidas com o tornar-se um 'ser social' e, dessa forma, vão incorporando modos próprios de *espionar*, de sentir e de agir que elas não aprenderiam espontaneamente. Agem assim culturalmente e na cultura por meio do brincar, nesse sentido,

O brincar da criança é o eixo central de sua experiência pessoal, familiar (entre irmãos) e grupal (dentro de *grupos de idade* e de *grupos de interesse*) de vida. Ele equivale à obsessiva importância que damos ao *trabalhar* nas culturas dos adultos (BRANDÃO, 2015, p.113, grifos do autor).

Vemos que o brincar constitui-se em uma aparente espontaneidade como uma tarefa obrigatória, diária e franca e é ativamente socializadora. *Brinca com o irmão, com o amigo, com o primo*. Ao perguntar para M.G. sobre com quem aprendeu as brincadeiras que sabe, ele responde: [...] *espionando os outros brincarem, brincando [...] com outras pessoas (pai e tios) e outras crianças*. E algumas brincadeiras são intensamente construtivas. São frequentes nos *terreiros*, as casinhas feitas com folhagens, pedras e galhos. As crianças brincam por entre as casas ou sentadas na terra. Nas árvores, elas amarram pedaços de elástico delimitando a área do pula-fio para, como disseram algumas meninas, ver quem consegue pular mais alto sem tocar no fio. A menina de três anos, com naturalidade, amarra uma corda na árvore e brinca. Nos retiros – local onde se produz farinha, elas brincam por entre as raízes das árvores, com ou sem brinquedo, enquanto os pais labutam.

No caso do contexto de várzea, precisamente, as crianças aprendem a sinergia do que dizem: *a gente foi criado n'água*, pois as águas e o rio animam o brincar. Constantemente, a

canoa ou a rabeta transformam-se em brinquedo que serve para balançar, para passear ou para disputar corridas. Em certa medida, podemos afirmar que o tempo e o tipo da maré, o tempo do brincar, a proximidade ou distância da *cabeceira da ponte*, o desafio do contato do corpo n'água é que determinam o início e o término de uma ou mais brincadeiras, um jogo. Acompanhamos o curso das narrações e foi possível ouvir esta fala: - *Brinca e toma banho tudo junto quando a maré tá grande (cheia), agora tem o risco do bicho, sucuriju (cobra)*. O banhar e o brincar em uma prancha, feita pela própria criança, retratam o destemor com as águas, embora, como afirmou o menino, esteja tudo totalmente ordenado pelos pais, por causa dos acidentes, cujo controle exige outros cuidados.

Em síntese, as brincadeiras realizadas pelas crianças também traduzem uma cultura camponesa-ribeirinha-quilombola, pois elas são próprias e reinventadas, principalmente, pelo contexto e por regras. Além desses brincades, tal como acontece hoje em todos os lugares, as crianças divertem-se com os aparelhos eletrônicos, principalmente quando estão em casa. Mas não exageram, por terem ainda espaços naturais para brincar. Em um dos momentos de conversas com moradores das localidades, enquanto uma mãe discorria sobre o brincar as crianças circulavam pelo quintal. Em frente da escola, repetidas vezes durante as tardes, se enxergava crianças de idades diferentes andarilhando no terreiro, apanhando frutos (caju, goiaba, arará) nas árvores.

Os aprendizados de crianças e de adolescentes tal como eles são vividos nas práticas cotidianas do brincar, situam-se entre as relações escolares e as de convivência com adultos, reconhecendo que suas produções culturais muito têm a dizer sobre os saberes locais, sobre processos educativos que transcorrem na vida diária. Seus brincades, as relações estabelecidas com natureza de modo geral e, o envolvimento delas com as águas e a terra situam:

a) Relações com a natureza e com o saber local. Tais sujeitos aprendem os modos de lidar com as águas e com a mata, pois o cotidiano é entrecortado por saberes locais enquanto processos culturalmente construídos. Por exemplo, os brinquedos criados pelas crianças e pelos adultos, como um balanço feito de aro de bicicleta pendurado em uma árvore à beira do rio, evidencia que elas são participantes ativos daquele ambiente de águas. Neste aspecto, faz sentido um 'habitar-brincando' das crianças, em que a natureza é percebida como espaço e como instrumento.

b) Uma interação com as atividades de trabalho. Os pequenos vão incorporando na convivência cotidiana, símbolos e saberes do trabalho e da vida local. Bastante comum, a atividade da *apanhação* do açaí é uma arte que crianças experimentam brincando e, na maioria das vezes, tornar-se-á uma prática incorporada como a atividade que ajuda a reproduzir a vida individual e a familiar, quando adultos. Nesses termos, ainda que raros e nem sempre visíveis, está sempre presente em tudo uma atividade de uma 'pedagogia patrimonial' e, assim, elas adquirem saberes através de seus envolvimento e de suas participações em situação de fazeres que os adultos e as próprias crianças são transmissores 'naturais'. As crianças descrevem com riqueza de detalhes como é feita a farinha, a colheita do açaí, o plantio e os usos da mandioca; sabem pilotar rabetas ou conduzir a remo as canoas pelos rios; conhecem os instrumentos de trabalho usados pelos pais e a utilidade de cada um. Tal assertiva vem se confirmando em outra pesquisa em andamento, na Comunidade do Cujari¹¹, em que os adultos também levam as crianças para os retiros de farinha e, brincando, vão aprendendo desse fazer-saber¹². Reitera-se a afirmação de que seus modos de vida evidenciam a capacidade criadora humana, portanto, são geradores de processos educativos em que cada sujeito aprende a continuar o trabalho da vida, afirmando "[...] princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser" (BRANDÃO, 2009, p.13).

As crianças e adolescentes participam de uma educação mais funcional e dirigida a práticas do fazer, a do aprendizado do saber local. Praticando, dominam tanto o andar de bicicleta como os sentidos do trabalho, aprendem discriminar os tipos de embarcações e diferenciar a maré cheia da seca; aprendem a gostar de andar descalços nos terreiros, e assim por diante. Elas, espontaneamente ou convocadas pelos mais velhos para ajudarem em alguma coisa,

¹¹ Projeto citado anteriormente.

¹² Nos termos de Brandão (2009a, p.13), diz respeito ao "saber do ofício" de "agentes populares de trabalho simbólico".

observam como se faz, imitam e, desse modo, ‘vão aprendendo’. Aprende-se por observação direta e através da repetição de gestos e de atos. Mesmo quando há uma intencionalidade de ensinar alguma coisa, este momento se passa de forma tão corriqueira no contexto de uma atividade que a sua ‘dimensão pedagógica’ parece ficar quase invisível.

Em suma, as crianças estão imersas por um repertório simbólico e lúdico próprio que nos incita a pensar a infância a partir da realidade que estão envolvidas e como se colocam diante dos sistemas socioculturais e territoriais. Elas possuem uma vida dividida entre a convivência com a família, o convívio com a escola e o brincar. Tais convívios podem ser visualizados na vizinhança, na igreja, na reunião de grupos brincantes, nas conversas por entre as pontes das casas e os trapiches ou nos arredores de árvores.

As atuais e as antigas abordagens sobre o desenvolvimento e sobre a formação das crianças sinalizam que o brincar auxilia na construção de esquemas mentais e simbólicos. Por meio da brincadeira, elas se expressam, cooperam e representam um momento real de uma dada situação de pertencimento de uma realidade.

As crianças aprendem quando brincam de cantigas de rodas, de pipa, ao apanhar um fruto da árvore no quintal, traduzindo em interações e aprendizados no âmbito da linguagem, do conviver, do cuidar do ambiente. E, foi com base no mapeamento dos brincares e dos saberes locais desses sujeitos que foi possível captar um tipo de (re)conhecimento da realidade local, dos problemas e potencialidades, bem como, avançar na compreensão do arbitrário cultural da região pesquisada, que reforça a tríade “fazer-agir-pensar” pautado no cotidiano e no brincar, providas de sentido para as coletividades locais (BRANDÃO, 2015). **Os** territórios influenciam e são influenciados pela cultura, evidenciando o brincar como ato cultural e político conforme a síntese produzida durante um conjunto de oficinas elas¹³.

Tabela 01. Relatos de saberes e brincares

Rio-terra	O rio, a gente utiliza para tomar banho, pescar, passear (B.A.A.). Eu gosto do rio porque dá para tomar banho e passear de canoa (G.R.). Terra é onde pisamos (B.A.). A terra significa tudo em relação à vida humana, por exemplo, o açaí e as frutas são importantes para nós e para os seres vivos (R. G.). Tomar banho no rio, a gente fica de molho, quando a maré está cheia (mãe e moradora)	
Lugar-território	O lugar é onde nós moramos, no rio Arapapu e existe a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (A.G.). Moro no rio Ipanema e lá tem plantas e frutos (J.G.). A roça faz parte das brincadeiras das crianças, da cultura deles, mas quando ficam moças e rapazes não querem nem olhar (mãe e moradora).	
Sobre o brincar	Não deixo subir nas árvores, tenho medo deles caírem (mãe e moradora). Antigamente era do bebê para a casinha e a boneca, hoje é do bebê para o celular. Antigamente se aprendia na brincadeira o ofício de adulto, quando ensaiavam fazer o barquinho de miriti o menino e, a menina, a fazer e cuidar da casinha. Antigamente, junto comigo iam mais 20 e tantas crianças para o igarapé tudo parente e hoje tem o risco. Hoje a mãe precisa olhar. O tempo mudou (mãe e moradora). Brincam em casa e no quintal, há trocas com vizinhos. Anda de bicicleta, corre, joga bola, brinca com cachorrinho, vai tomar banho no igarapé (mãe e moradora).	
Brincares	Onde brinca?	Quem brinca?

¹³ Tais oficinas foram direcionadas pelos seguintes eixos temáticos: lugar-território, natureza e as águas/rio, sempre entrecortado pela dinâmica do brincar.

Formô ¹ ; pula fio	escola, terreiro/quintal	Crianças e adolescentes
Pira pega, pira ajuda, pira alta, pira cola, pira se esconde, escravo de jó, Subir nas árvores; separação; bandeirinha; queimada; mata no meio; correr atrás do outro	rio, escola e terreiro quintal	
Corrida na água; remar e passear na canoa; pular de um aro no rio; tomar banho brincando de pular; natação	rio, igarapé ou furo	
Peteca	terreiro e casa	
Pata cega; taco	Terreiro	
Futebol	terreiro, campo, arena	Crianças, adolescentes, jovens e adultos
Empinar pipas	campo, terreiro, ramal. Período das férias.	

* Para as crianças o rio é grande em extensão e, o igarapé, é pequeno.

Fonte: Pesquisa de campo, 2013-2017.

Assim, de muitos modos, uma variada dimensão socializadora está sempre presente. Os locais da pura brincadeira a cada dia rivalizam com a casa, com a família e com a escola, e as complementam com momentos e com situações de um aprendizado que recobre as três dimensões interligadas, isto é, brincando também se aprende práticas do fazer, éticas do agir e lógicas do pensar (BRANDÃO, 2015).

Conclusão

Foi possível perceber que há uma imbricação do mundo das crianças com a natureza na constituição do brincar, do ajudar nas tarefas laborais, do estudar, ou seja, interação com o fluxo cotidiano da comunidade. Elas transitam por costumes, por jeitos, por tempos, por cultura(s) que marcam o viver ali.

O cotidiano de águas é parte constitutiva e imprescindível na construção do gênero de vida do sujeito rural-ribeirinho-quilombola na região tocantina, de modo geral. A água possui usos diversificados, conformam situações de conflitos e de alteridades, manifesta-se como um signo cultural e funciona como a 'rua' no trânsito de pessoas e embarcações.

No caso, as relações estabelecidas com os *saberes das águas* e com todo um conjunto de outros saberes remete ao que nos ensinou Lévi-Strauss (1976) em suas formulações acerca de uma ciência primeira, próxima de uma lógica do sensível, porque, tomando a lógica dos interlocutores da pesquisa, criam-se e se recriam possibilidades em sintonia com os recursos, ou seja, há uma atitude prospectiva de reinvenção dos conteúdos culturais existentes no lugar; exemplos são os diversos brincares nos cursos d'água: corrida na água; remar e passear na canoa; pular de um aro no rio; tomar banho brincando de pular; natação; consequência de uma curiosidade que os move e que os coloca na condição de 'atravessados' à natureza, ao mesmo tempo que seus valores do conviver, suas tradições e suas simbologias amazônicas convertem-se em processos educativos no ordinário da vida.

E, esse conjunto de *saberes das águas* sinaliza ou ratifica uma importante produção cultural viva que muito pode contribuir com reflexões sobre a nossa condição planetária, de respeito e de valorização da pessoa humana, bem como pode ser o ponto de partida e de chegada para pensarmos outras formas de pedagogia escolar em comunidades rurais da Amazônia

paraense.

Através de um complexo de relações que partem de dentro das casas, atravessam a floresta e o rio, passam pelas roças e pelos retiros e chegam até a escola, processa-se todo um conjunto de saberes aprendidos de forma espontânea ou motivada. Saberes e teias de saberes que contribuem para que crianças, adolescentes e adultos quilombolas/ribeirinhos se conectem com a dinâmica sociocultural e educativa do lugar. Por essas experiências interconectadas, crianças e adolescentes interagem com coletivos pedagógicos dentro e fora da escola. Eles misturam tempos geracionais, proporcionando uma transmissão do saber a partir da unidade familiar. Substancialmente, pelo brincar, as crianças aprendem a conviver, reunindo-se em lugares específicos para tanto e construindo coletivamente formas de apreender e formas de perceber o mundo.

Por último, mas necessário, as pontuações aqui trazidas são *espiaries* sobre o aprendizado infantil, baseado em um olhar inicial e em aprofundamento, pois julgamos que aprofundar tais temas exige investigá-los durante um tempo que envolva todo um ciclo anual da vida local e do calendário escolar. E exige ainda um adentrar, ciclo a ciclo, pela vida e pelos vários tempos-espacos cotidianos de que participam, daí uma envergadura científica apenas no início de um longo processo mais contínuo e fecundo.

Referências

BRANDÃO, C. R. Olhar o mundo e ver a criança: ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculos de cultura. *Crítica Educativa* (Sorocaba/SP), Vol.1, n.1, jan./jun. 2015, p. 108-132.

_____. **O que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (Org.). **Faces do trópico úmido**: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: CEJUP; UFPA-NAEA, 1997. p. 221-242.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec/Nupaub-USP, 2008.

GUSMÃO, N. M. M. de. Olhar viajante: Antropologia, criança e aprendizagem. **Revista Pro-posições**. Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 161-178, maio/ago. 2012.

GEERTZ, C. **Uma descrição densa**: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. p.03-21.

KRAMER, S. **A infância e sua singularidade**. In: BEAUCHAMP, J. et al. Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 13-24.

LÉVI-STRAUSS, C. **O Pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 4ªed. Belém/PA: Cultural Brasil, 2015.

MAUSS, M. 2003. **Ensaio sobre a Dádiva**: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.07-33.

POJO, E. C. T.; ELIAS, L. G. D. O cotidiano das águas na tradição quilombola da comunidade do Rio Baixo Itacuruçá- Abaetetuba, PA. **Revista Sociais & Humanas**, v. 31, n. 3, 2018.

(Footnotes)

1 Essa brincadeira consiste na demarcação do espaço onde cada integrante do grupo impede a invasão do seu espaço (quadrado) e o corpo se expressa por gingados parecidos com os da capoeira.

Recebido em 2 de dezembro de 2019.

Aceito em 15 de dezembro de 2020.